

# The Marx Revival: Key Concepts and New Interpretations

MARCELLO MUSTO

Cambridge: Cambridge University Press, 2020. 408p.

Emmanuel Nakamura\*

A rigor, todo pensamento é revivido ao ser tomado em consideração. No caso de Marx é diferente. O jovem Marx diria que a autossuficiência interior da filosofia é rompida ao se confrontar com o mundo existente. No interior do mundo prático, o pensamento se rebaixa à condição de um princípio abstrato que se volta contra a própria realidade. Reviver o pensamento de Marx significa, nesse caso, trazê-lo de volta ao mundo prático. Marcello Musto descreve, no Prefácio, um processo consistente de renascimento do debate em torno do legado do pensamento de Marx. Esse processo acompanha o longo trabalho de organização das obras completas de Marx (p.xvii). O principal mérito da coletânea organizada por Musto é trazer os principais resultados desse trabalho, ainda em andamento, mas “confined to small circles of researchers” (p.xviii), para um público mais amplo (p.xix).

O livro está organizado em 22 artigos com temas centrais ao marxismo. Musto conseguiu reunir um time de peso para refletir sobre cada um desses temas. Ninguém melhor do que Michael Krätke para redigir o primeiro artigo, intitulado “Capitalism”. O autor procura mostrar como nem sempre o termo capitalismo foi usado por Marx no sentido específico que conhecemos hoje, isto é: “as a historically specific economic order, an economic system that had a beginning and would eventually come to an end” (p.5). Com base na dialética hegeliana da filosofia da

---

\* Doutor em Filosofia pela Humboldt-Universität zu Berlin. E-mail: el.nakamura@daad-alumni.de

história, Marx provavelmente substituiria “eventually” por “necessariamente”, já que, no âmbito da filosofia hegeliana do espírito objetivo, relações sociais são conceituadas em sua finitude: princípios ou valores que regem a história mundial nascem e, necessariamente, perecem.

No artigo “Communism”, Musto faz uma interessante reconstituição das primeiras teorias “utópicas” do socialismo. Em geral, estas caem no erro de apresentar ideais com regras estritas de controle da vida social, pressupondo que “the adoption of a new social model based on strict equality could be the solution of all problems of society” (p.27). Para Marx, pelo contrário, o processo de emancipação social não passava por “to ‘realize ideals’, but ‘to set free elements of the new society with which old collapsing bourgeois society itself is pregnant’” (p.31). O caráter aberto da concepção marxiana de emancipação social permite a Musto distingui-la também dos “twentieth-century regimes, who, while claiming to act in his [Marx] name, perpetrated a series of crimes and atrocities” (p.32).

A discussão aberta por Musto está em sintonia com o artigo seguinte, “Democracy”, de Ellen M. Wood. A autora destaca, por um lado, a importância dos “liberal rights and liberties” para a própria organização da classe trabalhadora (p.52). Por outro lado, a abstração dos direitos políticos não é capaz, dentro da democracia capitalista, de nos proteger das “forms of arbitrary power lodged in the ‘economic sphere’” (p.68). Entrando na esfera econômica, Marcel van der Linden apresenta uma dura crítica a distinção de Marx entre trabalho assalariado e trabalho escravo enquanto fonte do valor: “Marx’s value-theoretical approach of privileging productive wage labour was not well founded. Slaves and ‘free’ wage earners are more similar than is often acknowledged” (p.83). No artigo “Class Struggle”, Alex Callinicos distingue dois níveis de abstração presentes no conceito marxiano de classe: (1) a teoria geral da história e (2) a crítica da Economia Política (p.94). Os dois níveis de abstração implicam em um “problematic aspect” em ver a luta de classes não apenas como um “evolutionary process”, mas também como uma teleologia (p.103). No artigo “Political Organization”, Peter Hudis afirma que, ao contrário de Lênin, Marx “never developed a theory of organization” (p.108). O autor apresenta uma dura crítica a Lênin: ao contrário do modelo marxiano não sistemático, aberto e baseado na própria experiência da classe trabalhadora, o “model of a single party state that monopolizes power [...] paved the way, in the USSR and other Stalinist states, for some of the most repressive regimes in history” (p.122s.).

No artigo “Revolution”, Michael Löwy defende que a referência central de Marx para pensar sobre as revoluções foi a Revolução Francesa (p.126). Para o autor, Marx concebe o proletariado como um “active element in emancipation” (p.127). Contra visões econômico-deterministas, Löwy, apoiado nas formulações de Walter Benjamin, afirma que as revoluções não devem ser consideradas a “locomotive of world history”, mas sim um “emergency brake” (p.138). Com isso, é possível pensar um modelo de emancipação social sem ilusões com visões de

progresso e que leve em consideração as mudanças climáticas. A participação brasileira tem ainda Ricardo Antunes, com o artigo “Work”. Antunes parte da concepção, desenvolvida pelo jovem Marx, de trabalho como “vital activity” (p.141). Enquanto atividade vital consciente, o trabalho é indispensável a “any form of human sociability”, no sentido de que ele é “the foundational act of the socio-metabolic mediation between humanity and nature” (p.146s.). O capitalismo, no entanto, deturpa esse caráter libertador do trabalho ao transformar a capacidade de trabalho em mercadoria (p.145). O autor aponta ainda para as novas formas de exploração do trabalho, sugerindo como as formulações de Marx constituem “an important point of departure” (p.155).

Uma interpretação sobre a dinâmica de dominação do capital é apresentada no artigo “Capital and Temporality”, de Moishe Postone. Para o autor, a *temporalidade* é a categoria que melhor explica a forma abstrata de dominação social pelo capital (p.158/166). A mercadoria é compreendida como uma “form of social mediation” um “structuring principle of the actions” (p.164). Apesar do caráter tangível da forma mercadoria, a forma valor instaura uma temporalidade de dominação que “cannot adequately be grasped in terms of class domination”. Assim como a noção de poder foucaultiana, “this form of domination has no determinate locus” (p.168). Com John Bellamy Foster, porém, seria possível apontar para pelo menos um *locus* determinado: o planeta. Para o autor, Marx tomou de maneira séria os limites naturais com os quais o sistema capitalista se defronta: “Marx’s work was dotted with criticisms of pollution, deforestation, desertification, the town-country divide, and overpopulated cities” (p.181). Central para compreender as reflexões ecológicas de Marx é o conceito de “metabolic rift”, que, por sua vez, designa a ruptura entre o processo de valorização do capital e os ciclos metabólicos da natureza (p.187).

Infelizmente não é possível comentar todos os artigos da coletânea organizada por Musto. Os títulos dos artigos seguintes – “Gender Equality” (Heather A. Brown), “Nationalism and Ethnicity” (Kevin B. Anderson), “Migration” (Pietro Basso), “Colonialism” (Sandro Mezzadra e Ranabir Samaddar), “State” (Bob Jessop), “Globalization” (Seongjin Jeong), “War and International Relations” (Benno Teschke), “Religion” (Gilbert Achcar), “Education” (Robin Small), “Art” (Isabelle Garo), “Technology and Science” (Amy E. Wendling) e “Marxisms” (Immanuel Wallerstein) – servem como uma amostra do caráter abrangente e atual dessa empreitada coletiva de renovação do marxismo. Algumas formulações, contudo, nos fazem perguntar sobre o quão radical é essa renovação. Wood, p. ex., critica a separação hegeliana entre Estado e sociedade civil (p.58). Já Jessop identifica o “capitalist state” com o “constitutional representative state” (p.281). Em alguns momentos, parece ainda pouco convincente como esse “Marx revival” pode – sem uma sociedade civil independente e mecanismos de representação política – evitar os erros do passado e fomentar o direito da particularidade.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

# CRÍTICA marxista

**Democracia, dominação, emancipação**

Luis F. Miguel e Gabriel E. Vitullo

**Poulantzas no Brasil**

Tatiana Berringer

**Engels 200 anos**

João Quartim de Moraes e Pedro Leão da Costa Neto

**DOSSIÊ “José Carlos Mariátegui”**

Deni Alfaro Rubbo, Leandro Galastri, Aníbal Quijano,  
Michael Löwy, André Kaysel, Luiz Bernardo Pericás

**Entrevista: Cinzia Arruzza e Tithi Bhattacharya**

Giovanna Marcelino e Bruna Della Torre

# 51